

A navegação e a busca de novas terras são temas constantes na literatura portuguesa. Quando pensamos na literatura do Renascimento, duas obras primas que tratam desse assunto vêm logo a nossa lembrança: *Os Lusíadas* e a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Essas obras nos dão duas visões opostas da tradicional vocação portuguesa para as viagens: à idealização heróica de Camões, Fernão Mendes Pinto com trapõe o notável realismo com que narra suas aventuras e infortúnios no Oriente.

A primeira dessas atitudes é mais atrativa e persistente. Fixou-se a crença de que há no povo português um traço audaz e aventureiro que faz com que ele, geração após geração, deixe a pátria à procura de novas terras. Esse traço pode ser sintetizado na "frase gloriosa" que Fernando Pessoa cita como lema dos antigos navegadores: "Navegar é preciso; viver não é preciso" ¹.

Seria interessante examinar esse tema na literatura contemporânea. Como vê e descreve ela a versão moderna dos viajantes - os emigrantes? Quatro principais autores contemporâneos trataram da emigração em seus livros: Ferreira de Castro, Paço d'Arcos, Rodrigues Miguéis e Miguel Torga. Todos eles viveram a emigração como experiência, e recriaram-na em sua obra.

Ferreira de Castro nasceu em 1898 e morreu em 1974. Aos 12 anos veio para o Brasil, onde trabalhou como seringueiro na Amazônia; em 1919 voltou a Portugal, e tornou-se um dos mais populares escritores do país.

Paço d'Arcos nasceu em 1908. Viajou muito, e viveu alguns anos no Brasil. Vários de seus romances e contos inspiram-se em suas experiências em diversas partes do mundo. É escritor produtivo e muito conhecido.

Rodrigues Miguéis nasceu em 1901, e em 1935 exilou-se nos Estados Unidos. Hoje vive alternadamente nos Estados Unidos e em Portugal; é respeitado autor de romances, contos e peças teatrais.

* Professora Colaboradora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Língua Portuguesa.

Miguel Torgã, cujo verdadeiro nome é Adolfo Correia da Rocha, nasceu em 1907. Quando menino viveu alguns anos no Brasil. Poeta, dramaturgo, romancista e contista, é considerado um dos maiores escritores do Portugal de hoje.

Veremos aqui o tema da emigração em dois romances de Ferreira de Castro: *Emigrantes* (1929) e *A Selva* (1930). O segundo deles é mais conhecido: é um dos livros mais traduzidos do mundo, provavelmente por causa do exotismo: a vívida descrição da Floresta Amazônica, onde um jovem imigrante português compartilha a sorte terrível dos seringueiros. A ação principal de *Emigrantes* se passa em cafezais paulistas e na cidade de São Paulo, que é também o cenário de *Diário Dum Emigrante* (1936) de Paço d'Arcos. Miguel Torga, que passou cinco anos de sua adolescência numa fazenda de Minas, relata essa experiência nos dois primeiros volumes da narrativa autobiográfica *A Criação do Mundo* (1937 e 1938). Já Rodrigues Miguéis fala de imigrantes portugueses nos Estados Unidos, em quatro contos do livro *Gente da Terceira Classe* (1962).

Os tipos de emigrantes descritos nesses livros são bastante diferentes uns dos outros. Em *Emigrantes* de Ferreira de Castro e nos contos de Miguéis encontramos o típico emigrante pobre que deixa Portugal para buscar melhor vida em outras terras, ou para enriquecer e voltar a Portugal. Em *A Selva* de Ferreira de Castro, vemos um jovem refugiado político da classe média, estudante universitário com bom futuro em Portugal, mas sem dinheiro para exílio mais confortável na Espanha ou na França - e que se torna, contra a vontade, seringueiro na Amazônia. Paço d'Arcos apresenta, em *Diário Dum Emigrante*, um homem que se considera da classe alta, e que vem viver alguns anos no Brasil para enriquecer no negócio de antiguidades. E Miguel Torga narra a própria experiência de menino pobre que, instado pelo pai a escolher entre fazer-se padre ou vir para o Brasil, prefere a segunda alternativa, e vem trabalhar na fazenda de um tio.

Nessas diferentes visões da emigração, entretanto, alguns temas se repetem, e é interessante examiná-los.

Em primeiro lugar, a imagem da terra natal. Como se poderia prever, os emigrantes das classes mais altas de *A Selva* e *Diário Dum Emigrante* vêem-na como uma espécie de paraíso perdido, onde tinham lugar respeitável na sociedade. Parece que a perda de identidade social é uma de suas principais fontes de sofrimento. Isso é especialmente visível em *Diário Dum Emigrante*; mas mesmo o personagem central de *A Selva*, no meio de privações bem mais concretas, tenta

conservar a identidade social, por exemplo, usando, em plena selva, terno, gravata e sapatos de verniz. Em ambos os livros os personagens sonham voltar a Portugal para recuperar o status e retomar a vida no ponto em que atinham interrompido. Já os outros emigrantes, os que partem compelidos pela pobreza, têm sentimentos ambivalentes a respeito do próprio país. Este representa, naturalmente, a segurança. O personagem principal de *Emigrantes*, tendo deixado sua aldeia, começa a sentir-se desenraizado e inseguro enquanto ainda em Lisboa; e no conto "Gente de Terceira Classe" de Miguéis, há uma comovente cena em que uma velha camponesa que vai para a América do Norte viver com a filha, reparte com os companheiros de viagem as vitualhas da terra com que tenta prolongar, no navio, a atmosfera de casa; o capão assado, a broa, o queijo, laranjas... Mas ao mesmo tempo esses emigrantes sabem que nunca prosperarão em Portugal. "Não me pergunte se gosto mais de lá..." diz a figura central de "O Cosme de Riba-Douro" de Miguéis. "Quando fugi de casa, não sabia ler nem escrever. A minha velhota era pobre, nunca me pôde mandar à escola. No meu lugarejo nem a havia". Em *Emigrantes* Ferreira de Castro acusa a Europa, que manda à América, envoltas em trapos, suas melhores energias. Os personagens desse romance discutem muitas vezes as vantagens ou desvantagens de voltar a Portugal. Um deles diz que prefere não ir, pois da primeira vez que fora, tudo tinha mudado e ninguém se lembrava mais dele: sentira-se um estranho na própria terra. Em *A Criação do Mundo* de Torga, vemos a mesma dificuldade de reajustamento: o menino que fora para o Brasil regressa a Portugal rapaz feito: o reencontro com os pais é penoso, pois cada um esperava encontrar a mesma pessoa que tinha deixado cinco anos antes. Para seu tio, que ficara muito mais tempo no Brasil, a readaptação é impossível, e depois de algum tempo ele decide voltar para sua fazenda de Minas. A volta a Portugal é, naturalmente, uma experiência muito mais patética quando o emigrante fracassou. Tanto Miguéis quanto Ferreira de Castro dizem que esse é o mais triste dos viajantes, porque perdeu tudo, inclusive a esperança.

Outro tema interessante na literatura de emigração é a maneira como os portugueses que ficaram em Portugal encaram os que partem. Em *Emigrantes* de Ferreira de Castro, vê-se que quando alguém decide emigrar imediatamente se torna objeto de geral admiração. Se ele vai para o Brasil, segundo Torga, vai viver uma aventura desejada por metade de Portugal. A expectativa é de que volte rico. Se isso não acontece, ninguém entenderá a razão do fracasso. Es-

se é um sofrimento a mais para o emigrante que volta pobre e tem de enfrentar o desdém dos conterrâneos. Em *Emigrantes* alguns preferem, por isso, nunca mais voltar; e o personagem central, que volta, mente para toda a aldeia, fingindo ter ganhado uma fortuna no Brasil. Por outro lado, os portugueses são ambivalentes em relação aos emigrantes que vêm ricos. Se os admiram e invejam, também os exploram e ridicularizam. Sua rápida mudança de status subverte a rígida estrutura da sociedade portuguesa, que reage, transformando-os em objeto de riso. Exemplo conhecido desses novos ricos é o "brasileiro" - português de torna-viagem que geralmente enriqueceu no Brasil e volta para exibir fortuna, vulgaridade, ingenuidade e ignorância - tema constante nas novelas de Camilo. Em *A Criação do Mundo* de Torga, o tio fazendeiro corresponde, até certo ponto, a esse estereótipo. O narrador de "Gente da Terceira Classe" de Miguéis também censura a mentalidade materialística de alguns emigrantes que voltam a Portugal para comprar propriedades e ostentar riqueza. Tendo feito dinheiro na América do Norte, diz, identificam-se com os ricos, e trazem opiniões políticas e econômicas dignas de um presidente da General Motors.

Outro tema é a imagem da terra adotiva. Antes de ir, naturalmente, o emigrante a vê como a terra prometida onde facilmente vai achar bom emprego e enriquecer. Por isso ele é capaz de fazer qualquer coisa para chegar ali. Em *Emigrantes*, um camponês hipoteca a pequena propriedade para pagar as despesas da viagem. Outros são atraídos aos Estados Unidos por informações enganosas, e viajam com documentos falsos, fornecidos por gente que vive do excuso negócio da emigração. Também Miguéis desenvolve o tema do imigrante ilegal em dois contos: "O Cosme de Riba-Douro", em que um imigrante ativo e bem ajustado passa a vida toda tentando inutilmente legalizar sua situação nos Estados Unidos; e "O Viajante Clandestino", história de um homem que arrisca tudo para entrar nos Estados Unidos, e consegue por acaso, chegando numa noite de Natal e encontrando um guardabêbado, inclinado à benevolência.

A realidade desvanece a visão idealizada do novo país. Em *Diário Dum Emigrante* de Paço d'Arcos, os grandes negócios que o imigrante sonhara nunca se realizam; ele só encontra dificuldades, fracasso e frustração. Em *A Selva* de Ferreira de Castro, o rapaz educado, estudante de direito, só consegue um trabalho de escravo na floresta. E em *Emigrantes* o ingênuo camponês que esperava fazerem poucos anos dinheiro bastante para comprar ricas terras na aldeia na-

tal se dá conta, logo ao chegar ao Brasil, que isso seria impossível. As coisas no Brasil estão tão difíceis quanto em Portugal. Há referências a outros tempos, em que o dinheiro era mais fácil de ganhar; e ele pergunta a si mesmo se em outros lugares teria mais sorte. Mas finalmente chega à conclusão de que não há lugar algum em que o pobre possa ficar rico: é tudo a mesma coisa em todo o mundo.

Assim, frustração e sofrimento são os temas mais constantes nessas histórias de emigração. Ao final de *Emigrantes* o personagem central tem de roubar para voltar a Portugal: está pobre e sozinho, pois a mulher morrera em sua ausência. *A Selva* é uma denúncia das condições sub-humanas de vida e trabalho na Amazônia. Em *A Criação do Mundo* o menino é explorado e maltratado pela tia brasileira. E em *Gente da Terceira Classe* há casos como o do pescador português que emigra para os Estados Unidos e enfrenta dura sorte para educar o filho - que se forma em Harvard e tem vergonha do pai.

Em alguns casos, porém, os emigrantes têm êxito. Vemo-lo especialmente nas histórias de Miguéis. Isso provavelmente se dá menos por se passarem nos Estados Unidos, que por serem de época posterior. Dos outros livros, pelo menos os de Ferreira de Castro refletem momentos de crise econômica: *A Selva* a queda da borracha; e *Emigrantes* a crise do café. Os personagens de Miguéis são mais afortunados: se trabalham duro e em geral não chegam a enriquecer, constroem uma vida de modesto conforto. O melhor quadro dessa vida está no conto "Natal Branco", em que um grupo de alegres e laboriosos imigrantes portugueses e hispano-americanos se reúnem para uma ceia de Natal.

As referências a preconceitos contra os imigrantes são poucas. Miguéis fala do comissário de um navio inglês que diz com desdém que a terceira classe é só para espanhóis e portugueses. O personagem de Paços d'Arcos se queixa de sentimentos anti-lusitanos entre os ricos de São Paulo. E em *A Criação do Mundo* o menino esborracha um livro na cara do colega que canta uma canção dizendo que o Brasil tem três desgraças: as formigas, os italianos e os portugueses.

Até que ponto os imigrantes tomam parte na vida do país adotivo? Essa questão é explicitamente debatida por Ferreira de Castro e Miguéis. Em *Emigrantes* que é livro extremamente político, vemos vários imigrantes discutindo sobre se deviam ou não participar da revolução tenentista de 1924 em São Paulo. Alguns deles dizem que não são brasileiros, portanto não têm nada com aquilo. Mas outros acham que "ser português, ser italiano ou ser cá do Brasil, isso não tem importância. O que vale é ser proletário, é ser homem". E embora aque-

la ainda não fosse a sua revolução, era preciso ir lutando pelas liberdades. Miguéis apresenta em seus contos duas titudes básicas do imigrante em relação ao novo país. A primeira é a dos que se tornam totalmente submissos à nova cultura, esquecendo sua língua e adotando outros valores, especialmente os materialísticos. A segunda é a dos que, sendo leais ao país adotivo, permanecem fiéis a algumas virtudes que o narrador considera especificamente portuguesas. Dois bons exemplos são Tony, o personagem de "Natal Branco", e Cosme, de "O Cosme de Riba-Douro": são ambos descritos como genuinamente portugueses, trabalhadores, sensíveis e idealistas; ambos ocupam posição de liderança em comunidades portuguesas dos Estados Unidos; e Cosme, imigrante ilegal, termina apresentando-se como voluntário e morrendo na segunda guerra mundial.

Atitude inteiramente diferente é a do personagem de *Diário Dum Emigrante* de Paço d'Arcos. Este se considera membro da elite portuguesa, mas no Brasil, por causa de sua ocupação, sente-se excluído da alta sociedade; em consequência recusa-se a integrar-se em qualquer grupo, e não se interessa pela vida brasileira. Tendo o livro a forma de diário, é datado: sua ação vai de 1928 a 1930. Esses anos foram, como se sabe, de grande agitação no Brasil, culminando com a revolução de 30 - mas o narrador nunca diz uma só palavra sobre o assunto. E mais: durante algum tempo foi crítico de arte, e a propósito disso afirma que crítica e arte são coisas desconhecidas em São Paulo. Isso é dito numa das décadas mais ricas da literatura e da arte brasileira, com a Semana de Arte Moderna e todas as renovações, rupturas e experiências que partiram inclusive de São Paulo e não podiam passar despercebidas a um crítico de arte.

Outra visão da integração do imigrante ao novo país é dada por Torga. Em seu livros vemos o que poderíamos chamar a identificação poética de um menino adolescente com uma terra adolescente. Quando ele chega à fazenda é ainda pequeno; nas primeiras noites tem medo daquele Brasil "irreal, abafado, com pios medonhos e uma escuridão sem fim", cheio de lobisomens e mulas de padre. Mas logo descobre que "aquele Brasil era um deslumbramento". - "Era uma terra nova nuns olhos novos!" Sua descoberta da vida, do sexo e do amor coincide com sua integração a um lugar onde, diz ele, o calor e a natureza tornam a mocidade exaltada, imaginativa e ardente. Falando de um amigo, afirma: "A sua mocidade irrequieta e atrevida simbolizava um Brasil mágico." Nesse "Brasil mágico" tudo parece contradizer os valores em que tinha sido criado. Em contato com a feitiçaria dos pretos da fazenda,

sente-se incapaz de rezar; mais tarde, assiste a um batismo, e fica admirado de o Credo também ser preciso no Brasil - abitudine que nos lembra a conhecida crença dos antigos colonizadores: "não existe pecado ao sul do Equador". Na excitação de sua vida nova, e também no meio dos sofrimentos causados pela maldade da tia, as cartas do pai, aconselhando "juízo e obediência", parecem remotas e alheias a sua realidade. Quando volta a Portugal, reajusta-se ao que chama seu humus nativo; mas está consciente de ter vivido uma experiência que lhe parece única e impossível de compartilhar com os amigos portugueses.

Depois de ter examinado brevemente como a literatura portuguesa contemporânea apresenta os problemas da emigração, a impressão que nos fica é bem diferente da imagem idealizada de um povo aventureiro que sente que "navegar é preciso e viver não é preciso". Ao contrário, somos levados a ver que os portugueses, como outros povos, deixam seu país não porque se sintam irresistivelmente atraídos pelo mar e pelas terras desconhecidas, mas porque têm de fazê-lo, para sobreviver. Por razões geográficas, históricas e sociais, os portugueses têm sido sempre forçados a buscar outros lugares e modos de vida. Muitos são bem sucedidos na vida que recomeçam; mas ter de deixar a pátria e adotar outra cultura é basicamente uma experiência difícil e dolorosa. Diante do que nos mostram esses quatro autores, somos inclinados a mudar o heróico lema antigo, como faz a canção de Ivan Lins, e a constatar com mais realismo que "navegar não é preciso: viver é preciso".

¹"Palavras de Pôrtico" in Fernando Pessoa, *Obra Poética*. Rio de Janeiro, ed. Aguilar. 1979, p. 15.